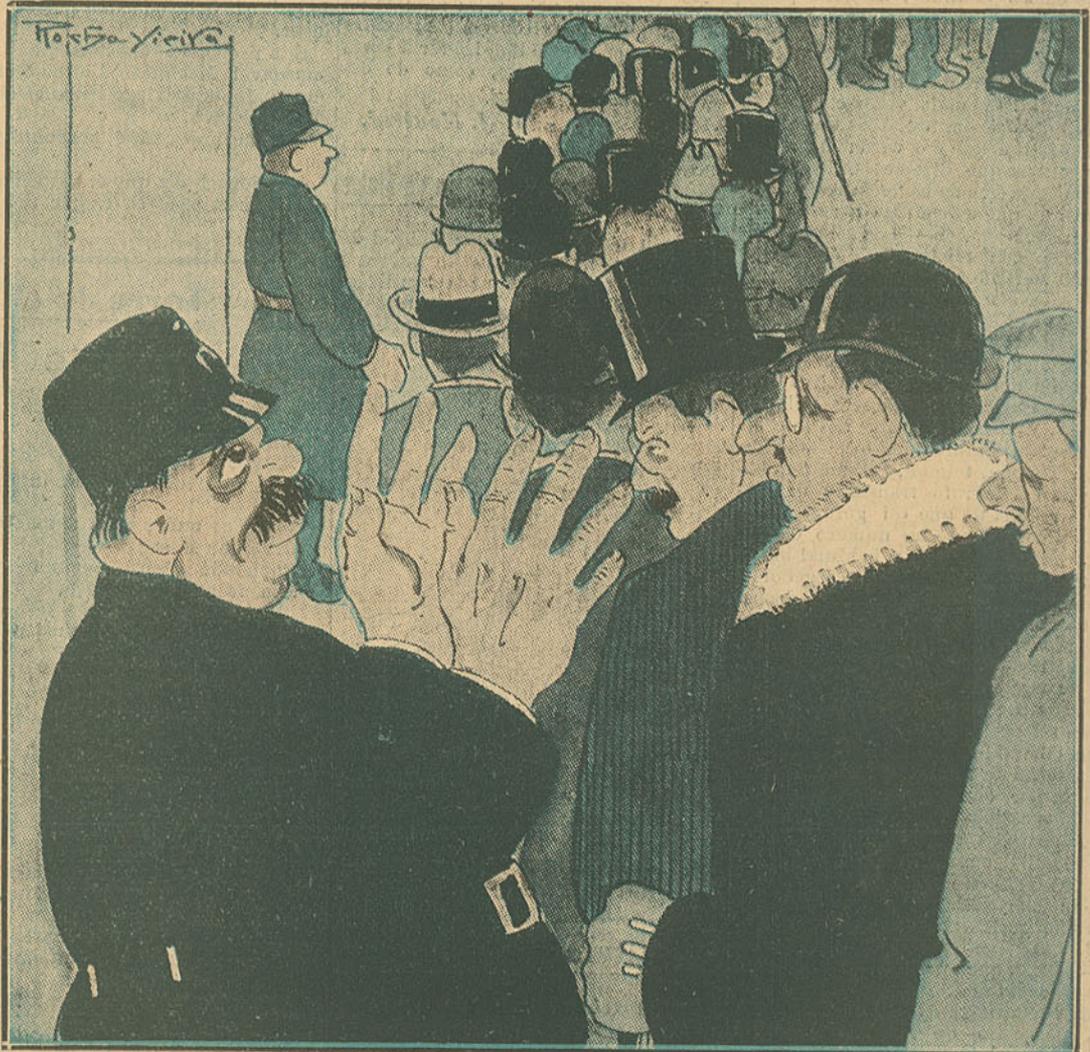




Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Bicha para ministro



O guarda:

—O' senhores! Não se impacientem, porque ha-de chegar a vez a todos!



PALESTRA AMENA

A sorte grande

Nunca nos saiu a sorte grande, que hoje não é coisa por aí além, mas que nos tempos em que a libra valia quatro mil e quinhentos réis dava bem para uma pessoa passar o resto dos seus dias sem a necessidade de escrever «palestras amenas» e outras estopadas semelhantes. Mas, por nunca nos ter saído, nem por isso somos da opinião d'aquella sujeito que imaginava que isso da sorte grande era uma santíssima parodia e que não saia a ninguém; pelo contrario, sempre tivemos a certeza de que alguém era contemplado com ela, por isso que conhecíamos e conhecemos varios individuos a quem ela tem saído.

Nem nos assombra o ter sido premiado com a «taluda», no curto prazo de 15 dias, isto é, em duas loterias quasi seguidas, o mesmo numero, o 2329; como nós não admiraremos de que seja premiado terceira, quarta e quinta vez, ou ainda mais vezes e isto pelo motivo de que em questões de sorte o inverosimil é que é o verdadeiro.

Imaginam que dizemos tolice? Pois então digam-nos se ha nada mais inverosimil do que sair a uma pessoa qualquer a sorte grande — e ao mesmo tempo não sair. E' idiota, não é? Pois nada mais verdadeiro, e lá vai a historia, que pode ser confirmada por muita gente que aí está em Lisboa, viva e sã.

O actor Silva Pereira, aquelle excelente camarada que nunca envelheceu e que foi um dos companheiros dilectos do impagavel e alegre Vale, do Ginasio, costumava jogar nas loterias espanholas, sempre com o mesmo numero. Teimou, teimou, até que um bello dia o telegrafo transmite de Madrid a noticia de que «el gordo» tinha caído precisamente no numero de que Silva Pereira possuía o habitual bilhete. Imagine-se a alegria do jogador, a pandega rasgada, as doçices e despesas que elle faria á conta do que estava para receber.

Esperava o bom do Silva Pereira que o correio trouxesse a lista, mas no dia seguinte recebe-se em Lisboa segundo telegrama, relatando que por se terem cometido irregularidades durante a extracção da loteria, esta ficava anulada e, por consequencia, os bilhetes vendidos seriam premiados ou não, conforme outra extracção indicasse.

Não endoideceu Silva Pereira, porque era pessoa de miolos rijos, mas hão-de concordar que poucas n'aquella situação resistiriam a um abalo cerebral.

— Mas, a que proposito nos conta o nosso querido «J. Neutral» esta trapalhada? perguntará o leitor, intrigado.

A proposito do Natal, que está a bater á porta, e da muita amizade que o sinatario d'estas linhas dedica a quem tem a paciencia de o ler. Tudo isto vem para expressar o veemente desejo de que a sorte grande do Natal d'este ano saia a todos os nossos leitores,

ou seja á parte dos seis milhões de habitantes de Portugal, que saber, não em cautelas de fracção minimas, o que seria ridiculo, mas n um bilhete inteiro, a cada pessoa.

...Estamos a ver o sorriso de desprezo com que, ao chegar a este ponto, o leitor nos mimosia. Parece-lhe certamente disparate que, sendo o numero premiado com a taluda apenas um, possa a dita taluda caber a tantos numeros diversos quantos são os leitores. Pois não é disparate, não senhores; precisamente para que fiquem convencidos de que é possível a realisação de tal desejo é que lhes contamos a triste aventura de Silva Pereira. Já lá dizia outro que esperava que um dia lhe saísse a sorte grande, sem comprar jogo, porque isso é que era... a verdadeira sorte.

Não comprem, pois, coisa alguma da loteria, deixem-se ficar em casa muito socegadinhos, que lá lhes irá ter a «mas sa», se tiverem sorte, como do coração desejamos.

J. Neutral.

A guerra de Fiume

Corren a noticia de que Gabriel de d'Annunzio tinha declarado guerra á Italia, mas parece que não se confirma — porque a Italia, vendo o caso mal parado, recuou. No entanto, o poeta esta-



va resolvido a tudo e já tinha as tropas a postos: logo que o inimigo se aproximasse apanhava uma d'estas descargas de alexandrinos que não havia de ficar com vontade de voltar a Fiume!

Literatura zoologica

Temos mais um bicho, desde a semana passada, no Jardim Zoologico, o sr. Ungira, ácerca do qual se estão escrevendo lindas coisas, como aconteceu quando lá deu entrada o elefante, que ha pouco esteve para ser comido em bifés pela celebre quadrilha do Nariz Arrebitado, conforme devem ter visto

no «Seculo», edição da noite, nas fitas do Juca & Zeca.

Leiam o que se escreve do Ungira: «De porte alto, medindo mais de 1,^m50, esguio e elegante, de pernas finas e nervosas, tem o pelo sedoso e cinzento, zebrado de branco e a cabeça, animada por uns olhos vivos e meigos, coroados por uma armadura negra e recurva».

E' claro que com este estilo de cartas de namoro cai no Jardim o poder do mundo, para admirar o Ungira, tanto mais que nem lhe falta o atrativo do sofrimento a comover as almas sensíveis.

O animal perdeu a esposa uns dias antes de embarcar, em Africa, segundo diz o noticiaista, acrescentando, animadoramente que o sr. Governador de Mossamedes procura obter outra femea para vir fazer companhia ao ferido antilope, que está sandasissimo pela defunta, apesar de tal armadura negra e recurva que o corôa e que pode muito bem ter sido um presente conjugal.

E a proposito, diremos que o nosso impagavel Marques já disse á mulher que qualquer domingo iriam os dois visitar o Ungira.

—E' antilope, não é, perguntou-lhe a esposa?

—O jornal diz que é. respondeu-lhe o Marques, mas se calhar são intrigas...

Torre de chifre

A banhista

Quando ella entra no mar
Com toda a elegancia
Ninguem pode duvidar
Que ha pouco saiu da infancia

Veem as ondas uma a uma
Orvalhar a sua trança
Enchendo d'alva espuma
Sua fronte de criança.

Ao longe os varios rochedos
Estremecem com amôr.
Por ouvirem os segredos
Dos seus labios em flor.

No ceu as lindas aves
Passam tambem a escutar
Os seus suspiros suaves
O seu brando suspirar

As pequenas conchinhas
Pelos seus pés pisadas
Choram muito mesquinhas
Choram muito apaixonadas.

Quando do banho regressa
E' uma estatua exatamente
Desde os pés á cabeça
Que até endoidece a gente!

Quem é que não ha de amar
Essa deusa da elegancia
Quando ella entra no mar
Sai da ha pouco da infancia?

J. Almeida T. Tavares



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida i çodosa ispousa.

Lausso mais uma vez as mãos á pena pra çaber in prumeiro logar cumo paças i mal a ubrigassão i ós pois pra te dezer que lá fue ó benefisso da noça istimada Adelina ó Pauliteama cá de Lisboa que levou á cena uma grande-cissemma pessa xamada em franciu o «Lis», que pur pouco isteve pra cer tarduzido por «Lirio» mas que infim ós pois de munto précurar nos deseonarios n tardutor lá viu que «Lis» quer dezer Alegria de viver. Ora intão sempre te dezeri que «Lis» in franciu é a caxopa que fica pra tia, cuja esta é a ditaa Adelina ca gora tem 36 anus fora ns que mamou que bom pruveito le fassa i tem uma mana que é a Aurinha que d'antes era filha mas nisto de triato mudace de parintesco tondos us dias inté á mãis que ção das filhas um dia i filhas que ção das mãis no outro. A Aurinha gosta munto d'um ome que viu na Abadia, vai á ditaa Abadia de bicicleta i tem um mano que istá pra casar cum uma minina munto feia benzã dens; u pai da ditaa minina çabe du escandlo do paccio da bicicleta i já nan quer dar a filha ó caxopo. Porque çará, porque nan çará, finalmentes u pai da Aurinha i mal u mano lá descobrem que é porque u ome é toudo onradezes i isto de andar im bicicleta pur abadias nan é coisa que fique bem a uma familia de colidade. Aqui é que entra a ditaa Adelina: que cim cinhor, ca mana andou prfeitamente i que penna tem ela de famem nan ter montado im bicicleta cando era nova porque outro gallo le cantava; ca cim nunca tinha cunhesido gallo nenhum i intão que deçacem lá a caxopa i mal u caxopo da Abadia. A Aurinha é da mêma inpenião i vai de ain decha us pais i parte cu gajo prá Purcallhota, onde á uma ospedaria pra prenoitar i um quintal cum menzas adones ce deciltra vendo-se ó lonje u Vasuvio a deitar fumo pur um buraquinho du pano eu imaginei que era um Vasuvio vivo i ós pois du ispetaçulo lá fui pra assender u sigarro i só intão é que vi que era um volcão fingido.

Lá dei muntas palmas a toudos cumo custumo i gustei munto d'uma pèssaga xamada Antoina de Soisa caqueia é que me incheu as medidas i canto ás oitras prá outra vez fallarmos ca esta já vai cumprida de mais i tanho de ir jantar porque ção oras i já çei que cá na istalage tanho oje munto boa petesquêra que vem a cer pavides turradas i burriés, tudo isto pur vinte mel reis pur dia que inté nan á nada mais barato. Cum isto nan te infado mais dá çoidades a quem pur mim préuntar i bejos ós noços caxopos deste ca vida te deseija inté ó dia de juizo pra sempre á mái jasus

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama
de Peras Rulvas.

EM FOCO

Liberato Pinto



*Eu não sei se será do meu olfato
(Tenho o nariz sensível como burro)
Que aquilo lá por cima cheira a esturro
Desde que é presidente o Liberato.*

*Que está tudo calado como um rato,
Que não vem de São Bento um sussurro,
Por medo ou não á chanfahada e ao murro,
Eis o que oiço dizer e o que relato.*

*Ou faltava, se o homem se aguenta,
Se temos, finalmente, quem resista
A' furia, ainda ha pouco, violenta,*

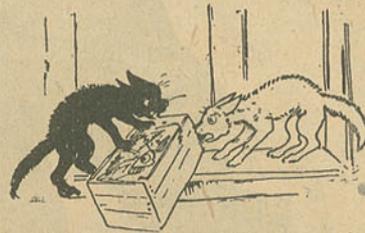
*Entre os varios partidos o «guardistas»,
Que o dito Liberato representa,
Ou será, outro-sim, da minha vista...*

BELMIRO.

O brasão da cidade

Como devem ter notado, os braços de Lisboa estão sendo muito discutidos — isto é, o Braço actor e o braço escudo. Ora, o primeiro está definitivamente determinado; não ha duvida de que é um grande actor, quanto ao espirito, e quanto ao corpo tem tambem um feitio fixo, a que não ha, pois, que tirar ou que pôr.

Já outro tanto não acontece ao braço escudo, ao braço armas da cidade de Lisboa. Esse tem sofrido varias mudanças, nas mãos dos srs. vereadores, e quando julgavamos que, enfim, tinha chegado á sua forma última e irrevogavel, eis que aparece alguém a dizer, nos periodicos, que as armas de Lisboa não são aquelas, que são mui-



to diferentes, e tal e coisas sim, senhores.

Não temos grande competencia na especialidade, mas, como habitantes desta capital ninguem nos pode levar a mal que metamos o inteligente bedelho no assunto, para propôr alguns modelos de braços, mais adequados á dita capital.

Que lhes parece, por exemplo, um par de gatos disputando espinhas, num barril do lixo? Tal combinação caraterisa ou não a cidade de Lisboa dos nossos dias?

Se não gastam, aí vão mais projectos:

1.º — Uma enorme «bicha» de infelizes, entrando por uma porta duma

carvoaria, e outra de policias, saindo por outra porta, cada um com o seu saco de carvão ás costas.

2.º — Um bebedo a vomitar, com fundo côr de vinho.

3.º — A torre de Belem e um broxadador a pinta-la com tinta de pó de sapato. E' escolher. Ainda temos mais na forja.

O «trolley» aereo

Aparece agora um engenheiro francez a dizer que descobriu o «trolley» aereo para os aeroplanos e dizem as folhas que não se trata de novidade nenhuma, pois que a descoberta foi feita ha dez anos pelo aviador Pegoud, o primeiro que realiso o «looping-loop».

Pois fiquem sabendo esses descobridores d'uma figa e quem os toma a serio, que não descobriam nada. A prioridade da ideia da applicação do «trolley» aos aeroplanos deve-se mas é ao «Seculo Comico», que muito antes a expoz, com todas as minucias, como o leitor pode ver folheando a sua coleção do «Suplemento do Seculo», a primitiva denominação do «Seculo Comico». Mas se não está para ter o trabalho de recorrer ao arquivo, aí vae de novo a descrição sumaria do nosso invento.

Os postes das linhas telegraficas, em vez de terem, como até agora, um comprimento de 6 ou 7 metros, passariam a ter um comprimento de 6.000, 7.000, etc., isto é, sufficiente para exceder a maxima altitude das mais altas montanhas do globo. Estabelecida n'essa altura a linha telegrafica, adaptar-se-lheiam os «troleys» dos aeroplanos, com a vantagem de resolver a direcção e a segurança quasi absoluta para os aviadores, porque no caso de qualquer transtorno no aparelho agarrar-se-iam aos fios, seguiriam pendurados até o primeiro poste e por ele desceriam sem perigo até pôrem os pés em terra.

Precisavam, apenas, de saber um bocadinho de ginastica. Que tal?

Duzentos mil contos!!!



— Éna, tanto dinheiro! Isto, pelo preço a que chegou o papel, não é menos de dezoito tostões!